

**APROXIMAÇÕES ENTRE A NOÇÃO FREUDIANA DE LUTO E O SENTIMENTO
ANTECIPATÓRIO DA PERDA NA CONTEMPORANEIDADE
APPROACHES BETWEEN THE FREUDIAN NOTION OF MOURNING AND THE
ANTICIPATORY FEELING OF LOSS IN CONTEMPORARY TIMES**

 <https://doi.org/10.64671/ts.v26i1.114>

Marcelo Vinicius Costa Amorim^{1*} , **Priscila Batista da Silva Pereira¹** 

1. Faculdades Integradas da América do Sul - INTEGRA (Caldas Novas)

Recebido: dezembro 15, 2025 | **Aceite:** janeiro 02, 2026 | **Publicação:** janeiro 11, 2026

RESUMO

A experiência do luto, compreendida por Freud em Luto e Melancolia (1917/2013) como um trabalho psíquico de desligamento do objeto perdido, constitui um fenômeno ao mesmo tempo universal e singular. Com o avanço dos cuidados paliativos, emergiu o conceito de luto antecipatório, vivenciado por pacientes em terminalidade e por seus familiares diante da perda iminente. Este estudo teve como objetivo analisar de que modo a noção freudiana de luto contribui para compreender o luto antecipatório na contemporaneidade, considerando suas implicações subjetivas, clínicas e relacionais. Metodologicamente, trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, com recorte temporal entre os anos de 2000 e 2024. Foram consultadas as bases de dados científicas SciELO, PubMed, Redalyc e Google Acadêmico, utilizando as palavras-chave “luto”, “luto antecipatório”, “cuidados paliativos”, “psicanálise” e “Freud”. A análise iniciou-se a partir de leituras críticas, fichamentos e organização das referências, tratando-se de uma síntese interpretativa. Os resultados evidenciaram que, embora o luto antecipatório seja pouco explorado no cenário brasileiro, ele apresenta relevância significativa na prática clínica e nos estudos sobre a finitude. A perspectiva freudiana mostrou-se fundamental para compreender os mecanismos de elaboração da perda, mas limitada diante de contextos em que o próprio corpo se torna objeto de perda. A interlocução com diferentes autores permitiu ampliar a compreensão do fenômeno, revelando seu caráter paradoxal: propicia a reorganização emocional, mas também intensifica a dor da despedida. Conclui-se que o luto antecipatório constitui um processo ativo de ressignificação e requer uma escuta interdisciplinar e humanizada.

Palavras-chave: Freud. Luto. Cuidados paliativos. Luto antecipatório.

ABSTRACT

The experience of grief, understood by Freud in *Mourning and Melancholia* (1917/2013) as a psychic work of detachment from the lost object, constitutes a phenomenon that is at once universal and singular. With the advancement of palliative care, the concept of anticipatory grief emerged, experienced by terminal patients and their families in the face of imminent loss. This study aimed to analyze how the Freudian notion of grief contributes to understanding anticipatory grief in contemporary contexts, considering its subjective, clinical, and relational implications. Methodologically, it is a narrative literature review of a bibliographic nature with a qualitative approach, covering the period from 2000 to 2024. The scientific databases SciELO, PubMed, Redalyc, and Google Scholar were consulted, using the keywords “grief,” “anticipatory grief,” “palliative care,” “psychoanalysis,” and “Freud.” The analysis began with critical readings, note-taking, and organization of references, resulting in an interpretative synthesis. The results showed that, although anticipatory grief is scarcely explored in the Brazilian context, it holds significant relevance in clinical practice and studies on finitude. The Freudian perspective proved fundamental for understanding the mechanisms of loss elaboration but is limited in contexts where the body itself becomes the object of loss. Discussions with different authors allowed for a broader understanding of the phenomenon., revealing its paradoxical nature: it facilitates emotional reorganization while also intensifying the pain of farewell. It is concluded that anticipatory grief constitutes an active process of re-signification and requires an interdisciplinary and humanized approach to listening.

Keywords: Freud. Grief. Palliative care. Anticipatory grief.

1 INTRODUÇÃO

A experiência do luto constitui um dos fenômenos psíquicos mais universais e, ao mesmo tempo, mais singularmente vivenciados na trajetória humana. Em sua obra seminal *Luto e Melancolia*, Freud ([1917] 2013) conceitua o luto como um processo psíquico normal de desligamento afetivo diante da perda de um objeto investido libidinalmente, marcado pelo sofrimento, pelo retraimento do interesse pelo mundo exterior e pelo trabalho psíquico que visa à reintegração do ego diante da ausência.

No entanto, nas últimas décadas, com o avanço dos cuidados paliativos e a maior visibilidade das trajetórias de adoecimento crônico e terminal, emergiu com mais ênfase o chamado luto antecipatório – um processo que se inicia antes da perda concreta, diante da consciência da morte iminente, e é vivenciado tanto por familiares quanto pelo próprio paciente.

Este estudo parte da inquietação gerada pela complexidade emocional enfrentada por indivíduos que vivenciam a aproximação da morte, não apenas como um evento futuro, mas como uma presença constante e insuprimível no cotidiano. Trata-se de algo que não pode ser apagado, silenciado ou totalmente elaborado pela consciência. A pergunta que orienta esta pesquisa é: de que modo a noção freudiana de luto contribui para a compreensão do luto antecipatório vivido por pacientes em cuidados paliativos na contemporaneidade?

A justificativa desta pesquisa decorre da percepção de que o luto antecipatório permanece um conceito frequentemente negligenciado ou abordado de maneira marginal nos contextos clínicos e acadêmicos, apesar de seu impacto profundo sobre a subjetividade e no manejo da dor existencial. A escolha do tema surgiu a partir da identificação de certa carência de debate teórico sobre essa forma específica de luto. Afinal, reflexões dessa ordem tendem a auxiliar na compreensão de processos psíquicos envolvidos nas vivências de perdas significativas.

A tríade Psicologia Clínica, Psicanálise e Saúde Mental nos auxilia em reflexões acerca do sofrimento emocional de pacientes que enfrentam o adoecimento grave e a proximidade da morte. A temática do luto antecipatório pode se apresentar especialmente instigante por desafiar as concepções tradicionais de luto e por exigir uma escuta qualificada que ultrapasse a racionalização médica, alcançando as dimensões afetivas, simbólicas e subjetivas da experiência de finitude.

A relevância desta pesquisa estende-se tanto ao meio acadêmico quanto à sociedade em geral. No campo da psicologia, o estudo contribui para a ampliação dos referenciais teóricos e clínicos sobre o luto, especialmente em sua manifestação antecipatória, ainda pouco explorada na literatura brasileira.

Segundo Eninger, Santos e Kayser (2021, p. 3), “É perceptível que estudos acerca do tema luto ainda sejam insuficientes quando comparados à bibliografia relacionada a outros quadros voltados para a saúde mental do sujeito”. Assim, pode-se dizer que a morte e o luto continuam sendo tratados como tabus na sociedade contemporânea, aspecto que reforça a relevância do aprofundamento dessa temática e sua contribuição para a ciência. Além disso, para os profissionais de saúde que atuam em equipes interdisciplinares de cuidados paliativos, a investigação oferece subsídios teóricos para a compreensão dos aspectos subjetivos que permeiam o processo de morrer, favorecendo uma prática mais ética, empática e humanizada.

Já no âmbito social, ao lançar luz sobre as vivências emocionais de pacientes em estágio terminal, o estudo fomenta uma reflexão coletiva sobre a morte como parte da vida e contribui para desnaturalizar o silêncio que ainda recobre esse tema em muitas esferas da cultura contemporânea.

Em se tratando da hipótese, a análise dos atravessamentos subjetivos do paciente em fase terminal, especialmente diante da consciência da morte iminente, pode nos apresentar um quadro sobre a constituição e preservação da identidade. Nesse sentido, pretende-se ampliar o papel dos profissionais inseridos no contexto em que se oferta suporte para enfrentamento de perda e luto. Aparentemente, nosso trabalho pode fornecer discussões assertivas sobre acolhimento desses sujeitos.

Diante da complexidade que envolve o sofrimento psíquico de pacientes em cuidados paliativos, esta pesquisa tem como objetivo geral articular discussões teóricas que contribuam para a compreensão da noção de luto antecipatório. Os objetivos específicos são: a) analisar aspectos da teoria

freudiana a respeito do luto; b) articular a concepção freudiana de luto com a formulação de luto antecipatório; c) identificar possíveis impactos nos sujeitos que vivenciam o luto antecipatório.

2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

De acordo com a natureza do problema e os objetivos desta revisão narrativa da literatura, o presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica combinada a abordagem qualitativa. Optou-se por realizar uma revisão narrativa da literatura, cujo propósito é apresentar um panorama crítico e interpretativo sobre o tema, sem seguir protocolos rígidos de busca ou seleção sistemática das fontes (Fernandes, Vieira e Castelhana, 2023). Tal procedimento permite um aprofundamento teórico, favorecendo a reflexão sobre o fenômeno do luto e do luto antecipatório em contextos de cuidados paliativos.

O estudo sobre o tema fundamenta-se na análise de publicações científicas que abordam o luto e o luto antecipatório, as quais foram submetidas à crítica e reflexão, com o propósito de ampliar a compreensão e fortalecer o embasamento teórico sobre a temática.

Quanto ao tipo de pesquisa, trata-se também de um estudo documental, sustentado pela coleta, seleção, análise e interpretação de artigos, livros e relatórios produzidos por outros pesquisadores em fontes impressas e eletrônicas. O recorte temporal delimitado para esta pesquisa compreende produções publicadas entre os anos de 2000 e 2024, contemplando tanto contribuições teóricas de referência na psicologia e na psicanálise quanto estudos contemporâneos relacionados aos cuidados paliativos.

Os tipos de documentos consultados incluíram livros, teses, dissertações, artigos cientificamente indexados, bem como materiais disponíveis em bases como SciELO, Redalyc, PubMed e Google Acadêmico, assegurando confiabilidade e validade à análise empreendida. Quanto às técnicas de coleta de informações, adotaram-se a leitura exploratória, o fichamento e o uso de checklist para organização das referências selecionadas. Para a localização dos estudos pertinentes, foram utilizadas as seguintes palavras-chave nos mecanismos de busca: “luto”, “luto antecipatório”, “cuidados paliativos”, “psicanálise”, “Freud”, “terminalidade” e “trabalho do luto”.

No levantamento inicial, foram identificados 28 artigos e 4 dissertações nas bases de dados científicas, utilizando os descritores previamente definidos. Após a leitura dos títulos, resumos e, quando necessário, do texto integral, 23 artigos e 3 dissertações foram excluídos por não abordarem diretamente o fenômeno do luto antecipatório, por duplicidade entre bases ou por apresentarem enfoques metodológicos distantes da abordagem qualitativa e psicanalítica adotada neste estudo. Dessa forma, a amostra final foi composta por 6 artigos e 1 dissertação.

Também foram incorporadas obras clássicas fundamentais, tais como: *Luto e Melancolia* (Freud, 1917/2013), *Sobre a Morte e o Morrer* (Kübler-Ross, 1981), Manual de Psicologia Hospitalar (Simonetti, 2016), *Terapia do Luto* (Worden, 1998), *Bioética nas Questões de Vida e Morte* (Kovács, 2003), *Humanização da Dor e do Sofrimento* (Pessini, 2002). Todas as obras citadas foram adquiridas e consultadas no livro físico. A partir desses materiais foi possível produzir fichamentos e leitura analítica, viabilizando a articulação entre conceitos e a produção de um texto com caráter reflexivo. A partir da concepção de pesquisa qualitativa, apoiamos em Minayo (2009), pois o estudo qualitativo busca compreender e interpretar os fenômenos em sua complexidade e profundidade, valorizando os significados atribuídos pelos sujeitos e o contexto cultural em que estão inseridos. Esse caminho metodológico é reforçado por Gil (2019), que define a pesquisa bibliográfica como um recurso que proporciona maior familiaridade com o problema e favorece a construção de uma base sólida para a análise crítica. Guerra (2014) complementa que a amplitude das informações e a releitura de dados com enfoque qualitativo permitem aprofundar a compreensão dos fenômenos estudados, interpretando-os à luz da experiência humana.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 LUTO: SUBJETIVIDADE DO PACIENTE E O ACOLHIMENTO

Quando se trata de pacientes em cuidados paliativos, a experiência do luto adquire uma forma particular, que a literatura contemporânea denomina luto antecipatório. Esse conceito refere-se ao processo emocional vivido por indivíduos que enfrentam a iminência da morte, elaborando de forma antecipada a perda de si mesmos e dos vínculos que os sustentam. Embora Freud não tenha utilizado essa terminologia, seu referencial teórico oferece importantes ferramentas para a compreensão do fenômeno. A noção de que o Eu se constitui por meio de suas relações com os objetos e que precisa realizar um trabalho psíquico para suportar a perda deles mostra-se pertinente no contexto da terminalidade.

O luto antecipatório é definido por Worden (1998) como aquele que ocorre antes da perda real e tem as mesmas características e sintomatologia do processo de luto considerado normal, ou seja, aquele que ocorre pós-morte. Este tipo de luto pode ser influenciado tanto por fatores intrapsíquicos como interpessoais, por fatores culturais e sociais. Parece-nos, ainda, que cada indivíduo passa por sua própria experiência de luto, além de compartilhar esse processo com a família e a sociedade.

A partir dessas formulações oriundas da psicanálise, torna-se possível dialogar com outras abordagens contemporâneas da psicologia da saúde, que igualmente se dedicam à compreensão da experiência de morte e perda sob diferentes perspectivas teóricas e clínicas. Autores como Kübler-

Ross (1981), Kovács (2003) e Simonetti (2016) contribuem para ampliar a análise do luto antecipatório ao integrarem aspectos existenciais, culturais e relacionais à escuta do sujeito em cuidados paliativos.

Assim, o luto antecipatório configura-se como uma forma de luto que ocorre antes da perda real e tem características semelhantes aos primeiros estágios do luto convencional, como choque ou entorpecimento, saudade, protesto e desespero. Neste período, tanto o paciente quanto seus familiares tomam consciência da realidade da perda iminente e se antecipam às reações emocionais do luto. Essa antecipação tem como objetivo possibilitar a elaboração gradual das emoções, a preparação para uma eventual morte e o enfrentamento das mudanças e dos desafios que ela trará (Coren, 2020).

Rivera (2012) reforça essa ideia ao afirmar que o luto não é apenas uma resposta ao desaparecimento do objeto, mas exige um esforço interno de transformação: “Não basta que o objeto desapareça para que dele nos separemos. É necessário um verdadeiro trabalho psíquico de perda, chamado por Freud ‘trabalho do luto’ — tarefa lenta e dolorosa” (Rivera, 2012, p. 234). Em pacientes que enfrentam a própria morte, esse trabalho torna-se duplamente desafiador, pois o objeto perdido é o próprio corpo, a própria biografia em processo de esvaziamento, suas funções, relações e projetos interrompidos.

Embora possa parecer contraditório, a morte integra a vida de uma maneira muito mais profunda do que a maioria das pessoas costumam perceber. Ela permeia as guerras, os conflitos sociais e civis, as epidemias e, cada vez mais, as doenças crônicas em contextos em que as opções terapêuticas cessaram, ou seja, quando a medicina já não tem mais meios para impedir o progresso letal da doença. Nessas circunstâncias, surgem incertezas tanto para os profissionais de saúde quanto para os familiares e o próprio paciente.

Atualmente, tanto a medicina quanto a psicologia reconhecem que a doença e a morte são fenômenos complexos, atravessados por dimensões biológicas, psicológicas e culturais (Simonetti, 2016). Historicamente, a morte tem despertado repulsa no ser humano, sentimento que, ao que tudo indica, tende a permanecer. Do ponto de vista psicanalítico, essa resistência é compreensível, sobretudo à luz da concepção de Kübler-Ross (1981), segundo a qual a morte, no inconsciente, jamais é concebida como uma possibilidade para o próprio sujeito. No plano simbólico, a morte é sempre atribuída ao outro — ao corpo alheio, às perdas externas, à finitude de vínculos —, mas raramente é vivenciada, de forma plena, como algo que se aplica ao próprio sujeito. Isso ocorre porque o inconsciente opera segundo a lógica do desejo e da repetição, afastando a representação do fim absoluto.

Segundo Kovács (2003), a forma como o sujeito encara a morte influencia diretamente seu modo de existir. Para a autora, há uma interconexão constante entre vida e morte, e a reflexão sobre a finitude não deve se restringir ao término da trajetória, mas acompanhar todo o percurso da existência.

Pode-se inferir que essa perspectiva reforça a importância de uma escuta clínica que não se restrinja ao momento terminal, mas que se mantenha atenta às manifestações simbólicas da morte ao longo de toda a existência. Compreender que a finitude é constitutiva da vida implica reconhecer que o sujeito elabora perdas, reais e simbólicas, desde muito antes do adoecimento ou da proximidade física da morte. Nesse sentido, o luto, inclusive em sua forma antecipatória, não deve ser visto como um evento isolado, mas como parte integrante da construção identitária e da dinâmica psíquica do sujeito ao longo do tempo.

No contexto dos cuidados paliativos, tanto a psicologia quanto as diferentes áreas de atuação em saúde e cuidado voltam-se para a escuta das necessidades emocionais, sociais e existenciais de pacientes e seus familiares que vivenciam a iminência da morte. De acordo com Pessini (2002, p. 54), “o cuidado da dor e do sofrimento é a chave para o resgate da dignidade do ser humano neste contexto crítico”. A problemática da dor e do sofrimento não é pura e simplesmente uma questão técnica, mas sim uma das questões éticas contemporâneas.

Em razão disso, é necessário compreender o sofrimento não apenas como um dado clínico a ser eliminado, mas como uma vivência subjetiva que exige reconhecimento, escuta e acolhimento. A ética do cuidado, nesse contexto, reside justamente na capacidade de estar com o outro sem a pretensão de cura, mas com disponibilidade afetiva para sustentar sua travessia até a morte.

De acordo com Esslinger (2004), as pessoas próximas da morte necessitam de alguém que possa estar com elas na dor, criando um espaço para que suas dúvidas, angústias, anseios e as esperanças possam ser ouvidos e acolhidos. A autora denomina essa experiência de morte anunciada. Essa concepção abordada pela autora estreita relação com o conceito de luto antecipatório, uma vez que ambos descrevem o movimento psíquico e relacional que ocorre diante da consciência gradual da finitude. Assim como no luto antecipado, a morte anunciada demanda elaboração simbólica, reorganização emocional e suporte empático, tanto para o paciente quanto para seus entes próximos. A escuta, nesse contexto, não se restringe aos sintomas ou queixas, mas se constitui com espaço para que o sujeito anuncie, elabore e atravesse sua despedida de forma minimamente simbolizada.

Esslinger (2004) salienta que indivíduos que se aproximam do fim da vida necessitam de uma companhia empática, capaz de lhes oferecer suporte em sua dor. É fundamental que suas emoções, incertezas e aspirações sejam acolhidas com compreensão. A autora denomina esse fenômeno de “morte previsível”, ressaltando a importância de reconhecer e aceitar a limitação da vida. Dessa forma, a escuta atenta torna-se em um aspecto essencial do cuidado.

Visto que a qualidade da morte reflete a qualidade da vida que se teve, as considerações devem ir além do aspecto físico-biológica e da perspectiva médico-hospitalar, incluindo os aspectos sociais e

psicológicos do indivíduo (Carvalho, Fraco e Kovács, 2008). O cuidado diante da terminalidade não pode, portanto, restringir-se ao âmbito físico ou médico, devendo contemplar os aspectos subjetivos, relacionais e simbólicos, em respeito à história, aos vínculos e à singularidade do sujeito.

Além disso, o sentimento ambivalente, tão presente na melancolia freudiana, também pode emergir no luto antecipatório. O paciente pode experimentar, simultaneamente, amor e ódio por si mesmo, gratidão e ressentimento diante dos vínculos significativos, desejo de viver e de morrer. Essa ambivalência, se não reconhecida e acolhida no espaço terapêutico, pode ser confundida com sintomas depressivos ou interpretada de modo patologizante, quando, na verdade, constitui uma resposta compreensível e profundamente humana ao sofrimento existencial.

A abordagem freudiana, portanto, oferece fundamentos teóricos para compreender o luto como uma experiência estruturante e como um processo psíquico que se manifesta antes mesmo da perda consumada. Ao articular esses elementos à noção contemporânea de luto antecipatório, este trabalho propõe ampliar a escuta clínica da psicologia diante dos sujeitos em situação de terminalidade, reconhecendo suas dores, resistências, desejos e elaborações subjetivas frente à finitude.

3.2 LUTO ANTECIPATÓRIO COMO COMPLEXA ELABORAÇÃO PSÍQUICA

A análise da literatura mostra que o luto antecipatório, embora reconhecido como um fenômeno psíquico relevante, ainda ocupa uma posição secundária nas produções científicas brasileiras quando comparado às pesquisas sobre o luto pós-perda. Essa lacuna reforça a necessidade de aprofundar investigações que abordem não apenas os aspectos emocionais do processo, mas também suas implicações éticas, sociais e relacionais.

Assim, em estudo realizado com profissionais de enfermagem atuantes em UTIs pediátricas, Rodrigues, Santos e Silva (2024) evidenciam que a proximidade cotidiana com a morte produz efeitos emocionais profundos sobre as equipes. As autoras destacam que o contato frequente com a morte – especialmente a de crianças – pode gerar angústias aos(as) enfermeiros(as) paliativistas e fragilizar a capacidade da família de suportar um diagnóstico irreversível.

No contexto pediátrico a terminalidade adquire contornos ainda mais delicados, uma vez que a morte de uma criança é socialmente percebida como algo antinatural e emocionalmente devastador. A proximidade constante com o morrer infantil expõe os profissionais a intenso desgaste psíquico, marcado por sentimentos de fracasso, impotência e negação, como apontam Rodrigues, Santos e Silva (2024). Tais reações evidenciam não apenas o impacto subjetivo da terminalidade, mas também a necessidade de suporte institucional e de formação específica para lidar com o luto antecipatório em ambiente pediátrico.

Em outro estudo, Soares, Torres e Dimas (2024) investigaram a vivência do luto antecipatório entre familiares de pacientes com câncer terminal em um hospital público de Brasília, destacando que o diagnóstico oncológico avançado desencadeia intensas respostas emocionais tanto no paciente quanto em seus familiares. As autoras identificaram sentimentos predominantes de tristeza, medo, angústia e vazio, evidenciando que o luto antecipatório emerge de forma gradual e progressiva, acompanhando a deterioração clínica do ente querido. Além disso, as autoras observaram que fatores como religião, rede de apoio e compreensão sobre a gravidade da doença influenciam diretamente a capacidade de enfrentamento dos familiares. A pesquisa reforça que a antecipação da perda não elimina o sofrimento; ao contrário, configura um percurso emocional marcado pela ambivalência, pela fragilidade psíquica e pela necessidade contínua de suporte profissional durante a terminalidade.

Em diálogo com Freud ([1917], 2013), observa-se que a noção de trabalho de luto permanece como uma referência fundamental, pois explicita a necessidade de o sujeito se desligar, de modo progressivo e doloroso, do objeto perdido. Entretanto, essa formulação clássica mostra-se limitada para compreender situações em que a perda ainda não se concretizou, mas já é vivida de forma intensa, como ocorre nos contextos de terminalidade. Nesses casos, o objeto da perda é o próprio corpo, a biografia interrompida e os vínculos em dissolução, o que torna mais complexa a elaboração psíquica.

Estudos como Worden (1998) e Simonetti (2016) evidenciam o luto antecipatório enquanto fenômeno multifacetado, com características semelhantes às do luto convencional, mas se manifesta antes da morte efetiva, possibilitando certa preparação emocional tanto do paciente quanto de seus familiares. No entanto, pode-se questionar se essa preparação é, de fato, suficiente, uma vez que não elimina a dor concreta do rompimento, apenas antecipa parte de seu impacto.

Essa perspectiva permite problematizar a noção de “preparação emocional”, frequentemente romantizada como um recurso capaz de suavizar a perda. Na realidade, o luto antecipatório pode, em certos casos, intensificar a angústia ao prolongar o contato cotidiano com a iminência da morte, gerando sentimentos de exaustão emocional, desesperança e até mesmo culpa – sobretudo entre familiares que oscilam entre o desejo de manter o ente querido vivo e a consciência do sofrimento por ele experimentado.

Em diálogo com essa compreensão, os achados de Cardoso (2024) aprofundam a análise do comportamento familiar diante da proximidade da morte. A autora demonstra que o luto antecipatório mobiliza múltiplas respostas emocionais e comportamentais, entre as quais se destacam a tristeza, a exaustão, a sensação de impotência e a necessidade constante de adaptação às mudanças do quadro clínico. Seu estudo evidencia que a vivência prolongada da finitude impõe aos familiares um trabalho

psíquico contínuo, marcado pela ambivalência entre o desejo de preservar o vínculo e a percepção do sofrimento inevitável do ente adoecido.

Além disso, Cardoso (2024) identifica que o processo antecipatório envolve não apenas a dor, mas também a construção de sentidos, a reorganização das rotinas e a busca ativa por recursos de enfrentamento, tais como a espiritualidade, o suporte social e as estratégias de manutenção emocional. Esses elementos evidenciam que o luto antecipatório não é apenas a antecipação da morte, mas um processo complexo de reconstrução identitária e relacional, em consonância com o que tem emergido nas discussões psicanalíticas contemporâneas.

Desse modo, longe de se tratar de um processo linear ou protetivo, o luto antecipatório se configura como uma experiência paradoxal, capaz de favorecer momentos de despedida e de reorganização, mas também de acentuar o sofrimento diante da percepção de um fim inevitável. Sua dinâmica oscilatória desafia modelos simplificados de “adaptação”, exigindo compreensão sensível das tensões internas, da ambivalência afetiva e das expectativas sociais que recaem sobre o sujeito em terminalidade e sobre aqueles que o acompanham.

É pertinente destacar as críticas de Rivera (2012), que considera o Eu constituído como um mosaico de perdas. Essa perspectiva amplia a compreensão freudiana, pois sugere que a vida humana é atravessada por lutos sucessivos, e não apenas pelos grandes eventos de morte. Assim, o luto antecipatório pode ser visto não como uma anomalia, mas como parte constitutiva da subjetividade, o que exige da clínica uma escuta atenta e sensível aos significados singulares atribuídos pelo paciente ao seu processo de finitude. Essa leitura proposta pela autora também permite questionar a própria ideia de linearidade do luto. Se o Eu se constrói a partir de sucessivas perdas, o luto antecipatório deixa de ser entendido como um evento excepcional para ser compreendido como mais uma expressão de uma condição humana contínua.

Tal perspectiva desestabiliza a expectativa de que a experiência de perda possa ser completamente superada ou encerrada, indicando, ao contrário, que o sujeito aprende a conviver com ausências ao longo da vida. Desse modo, pensar o luto antecipatório sob essa ótica exige uma clínica menos normativa, capaz de acolher a singularidade da narrativa de cada paciente e de reconhecer que a elaboração da finitude não se reduz a um protocolo de estágios, mas se dá em um campo de sentidos múltiplos e em permanente reconstrução.

A literatura também indica que os impactos do luto antecipatório não se restringem ao indivíduo. Estudos, como o de Eninger, Santos e Kayser (2021), confirmam a presença de alterações afetivas e estruturais nas relações familiares, descrevendo que a vivência da perda iminente demanda reorganização de papéis, ressignificação de vínculos e fortalecimento das redes de apoio. Esses dados

reforçam que o fenômeno deve ser analisado sob uma perspectiva ampliada, envolvendo tanto a dimensão intrapsíquica quanto a interpessoal.

Outra contribuição relevante provém das reflexões bioéticas. Kovács (2003) e Pessini (2002) apontam que a tecnicização excessiva do cuidado, aliada à dificuldade de lidar com a morte, pode agravar o sofrimento de pacientes terminais, que muitas vezes não temem a morte em si, mas o prolongamento artificial da vida com intenso sofrimento. Nesse sentido, a discussão sobre o luto antecipatório articula-se à necessidade de humanização dos cuidados paliativos, valorizando a autonomia, a dignidade e a espiritualidade.

Embora o presente estudo esteja ancorado majoritariamente nos aportes da psicanálise e da psicologia, torna-se evidente que o luto antecipatório não pode ser plenamente compreendido a partir de um único campo teórico. Trata-se de uma experiência humana multifacetada, que atravessa dimensões emocionais, relacionais, espirituais, éticas e corporais, demandando, portanto, uma abordagem verdadeiramente transversal.

Nesse sentido, as contribuições do campo da enfermagem revelam-se fundamentais, pois, além de constituírem um exercício prático de cuidado direto, também produzem conhecimento sensível à experiência concreta da terminalidade. Estudos, como o de Rodrigues, Santos e Silva (2024), mostram que a enfermagem, ao acompanhar o paciente minuto a minuto, vivencia intensamente as oscilações do processo de morrer, oferecendo elementos valiosos para o entendimento de como o luto antecipatório se desdobra na prática clínica. Essa integração interdisciplinar amplia a compreensão do fenômeno, reforçando que a humanização do cuidado exige diálogo contínuo entre diferentes saberes e perspectivas profissionais.

Diante disso, torna-se possível afirmar que o luto antecipatório, mais do que uma simples antecipação da dor, constitui um espaço psíquico e relacional de ressignificação. Essa perspectiva desafia a clínica contemporânea a superar abordagens reducionistas e a integrar práticas que considerem a escuta subjetiva, a bioética e as redes familiares como elementos centrais para o acolhimento de pacientes e familiares diante da finitude.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou compreender que o luto antecipatório, apesar de ainda receber atenção limitada na literatura nacional, representa uma dimensão fundamental da experiência humana diante da finitude. A análise evidenciou que, embora o referencial freudiano permaneça como base conceitual para pensar o trabalho do luto, suas formulações mostram-se insuficientes para abarcar a complexidade das vivências que se iniciam antes da perda concreta.

Nesse sentido, a articulação entre a concepção freudiana do luto – entendido como um trabalho psíquico necessário para o desligamento do objeto investido libidinalmente – e as contribuições de autores contemporâneos, como Worden (1998), Simonetti (2016), Rivera (2012), Kovács (2003) e Pessini (2002), permitiu expandir a discussão para além do campo psicanalítico clássico, integrando aspectos bioéticos, relacionais e existenciais.

Constatou-se que o luto antecipatório não se configura apenas como preparação para a morte, mas como um processo paradoxal: ao mesmo tempo em que oferece a possibilidade de reorganização emocional e despedida, pode também intensificar a dor pela exposição contínua à perda iminente. Esse caráter ambivalente reforça a necessidade de abordagens clínicas e interdisciplinares mais sensíveis, capazes de acolher os significados singulares que pacientes e familiares atribuem ao processo de finitude.

A metodologia adotada permitiu a construção de uma síntese crítica sobre a temática, oferecendo uma visão panorâmica das principais teorias, conceitos e descobertas existentes no campo do luto e dos cuidados paliativos. Essa revisão contribuiu para fundamentar as discussões e análises desenvolvidas ao longo do trabalho, assegurando consistência científica e relevância acadêmica.

Entre as dificuldades encontradas no desenvolvimento do trabalho, destaca-se a escassez de pesquisas atualizadas sobre o tema, o que limitou a amplitude da discussão em determinados aspectos. Ainda assim, a revisão narrativa mostrou-se ser um método viável para reunir contribuições teóricas relevantes e fomentar reflexões críticas sobre o fenômeno. Ressalta-se que não foi possível explorar de forma mais aprofundada dimensões culturais específicas do luto antecipatório no contexto brasileiro, embora esse recorte se apresente como um caminho promissor para futuras investigações.

Assim, conclui-se que a compreensão do luto antecipatório exige um olhar que articule teoria, prática clínica e reflexão ética, de modo a subsidiar intervenções mais humanizadas no campo dos cuidados paliativos. Como sugestão para pesquisas futuras, destaca-se a necessidade de estudos empíricos que investiguem as narrativas de pacientes e familiares em diferentes contextos socioculturais, bem como a ampliação do debate sobre políticas públicas que garantam suporte psicológico e dignidade durante o processo de morrer.

5 REFERÊNCIAS

CARDOSO, A. A. Luto antecipatório e o comportamento familiar frente aos cuidados de fim de vida. 2024. 96 f. **Dissertação (Mestrado em Ciências)**. Programa de Universidade de São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100141/tde-03122024-223247/pt-br.php>. Acesso em: 2 nov. 2025.

CARVALHO, V. A.; FRANCO, M. H. P.; KOVÁCS, M. J. (org.). **Temas em Psico oncologia**. São Paulo: Summus, 2008.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE MINAS GERAIS (COREN). **Cuidados paliativos: manual de orientações quanto à competência técnico-científica, ética e legal dos profissionais de enfermagem**. Belo Horizonte: Coren-MG, 2020. Disponível em: <https://www.corenmg.gov.br/wp-content/uploads/2020/10/Manual-de-Cuidados-Paliativos-volume-II-site-1.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2025.

ENINGER, F. U.; SANTOS, C. M.; KAYSER, M. F. As relações familiares frente ao processo do luto antecipatório. **Brazilian Journal of Health Review**, Brasil, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 15913–15927, jul./ago. 2021. DOI: 10.34119/bjhrv4n4-121. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/33591>. Acesso em: 2 nov. 2025.

ESSLINGER, I. **De quem é a vida, afinal?. Descortinando os Cenários da Morte no Hospital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FERNANDES, J. M. B.; VIEIRA, L. T.; CASTELHANO, M.V.C. Revisão narrativa enquanto metodologia científica significativa: reflexões técnicas-formativas. **Revista Educacional da Sucesso - REDES**, Brasil, v. 3, n. 1, p. 1–7, 2023. Disponível em: <https://www.editoraverde.org/portal/revistas/index.php/rec/article/view/223/340>. Acesso em: 2 nov. 2025.

FREUD, S. **Luto e melancolia**; tradução, introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013. [publicado originalmente em 1917].

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GUERRA, E. L. A. **Manual Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Ânima Educação, 2014.

KOVÁCS, M. J. Bioética nas questões de vida e morte. **Psicologia USP**, Brasil, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 115-167, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000200008>. Acesso em: 2 nov. 2025.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**. Tradução Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

PESSINI, L. Humanização da dor e sofrimento humanos no contexto hospitalar. **Bioética**, Brasil, Brasília-DF, v. 10, n. 1, p. 51-72, 2002. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/214/215. Acesso em: 2 nov. 2025.

RIVERA, T. Entre dor e deleite: Luto e melancolia, de Freud, Sigmund. **Novos Estudos CEBRAP**, Brasil, São Paulo, n. 94, p. 231–237, nov. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002012000300016>. Acesso em: 2 nov. 2025.

RODRIGUES, K.; SANTOS, J. B. dos; SILVA, M. M. R. da. A relevância do enfermeiro paliativista na uti pediátrica valorizando a interação entre a família e a criança em processo que leva a terminalidade de vida. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasil, São Paulo, v. 7, n. 14, p. e141231, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1231. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1231>. Acesso em: 2 nov. 2025.

SIMONETTI, A. **Manual de psicologia hospitalar: o mapa da doença**, 8. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

SOARES, L. C. dos R.; TORRES, C. G.; DIMAS, F. L. Luto antecipatório: a vivência dos familiares de pacientes com câncer terminal. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasil, São Paulo, v. 7, n. 15, p. e151409, 2024. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1409>. Acesso em: 2 nov. 2025.

WORDEN, J. W. **Terapia do Luto: Um Manual para o Profissional de Saúde Mental**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.